

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS PEDREIRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

MARIA ANTÔNIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

CONSTRUÇÃO DO CIÚME PATOLÓGICO EM DOM CASMURRO: uma leitura à luz
da teoria psicanalítica

Pedreiras – MA

2025

MARIA ANTÔNIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

CONSTRUÇÃO DO CIÚME PATOLÓGICO EM DOM CASMURRO: uma leitura à luz
da teoria psicanalítica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Educação da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira.

Santos, Maria Antônia Conceição dos.

Construção do ciúme patológico em Dom Casmurro: uma leitura à luz da teoria psicanalítica / Maria Antônia Conceição dos Santos. - Pedreiras - MA, 2025.
43 f.

Monografia (Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira.

1. Ciúmes. 2. Complexidade humana. 3. Patologia. 4. Machado de Assis. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)

Elaborado por Luciana de Araujo - CRB: 13/445(81)

MARIA ANTÔNIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS


**CONSTRUÇÃO DO CIÚME PATOLÓGICO EM DOM CASMURRO: uma leitura à luz
da teoria psicanalítica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
departamento de Educação da Universidade
Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito
para obtenção do título de Licenciada em Letras.


Nota: _____

Aprovado em: 18 / 12 / 2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA**
Data: 28/01/2026 09:46:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA**
Data: 28/01/2026 10:42:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Francinaldo Pereira da Silva
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
1º Examinador

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIA MARIA CARDOSO E SILVA**
Data: 28/01/2026 10:11:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Antônia Maria Cardoso e Silva
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
2ª Examinadora

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança para seguir adiante, mesmo nas noites em claro em que pensei que não daria certo, especialmente nos momentos de maior dificuldade.

Dedico também à minha família, que sempre acreditou no meu potencial e me ofereceu apoio incondicional. Aos meus pais, aos meus irmãos e ao meu marido, pelo amor, pelos conselhos e por cada gesto de incentivo; e a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Aos meus professores e colegas, que fizeram parte dessa caminhada acadêmica, deixo minha gratidão e reconhecimento. Este trabalho é fruto de todas essas mãos que me sustentaram, direta ou indiretamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, pela saúde, proteção e força que me acompanharam durante toda a trajetória deste curso.

Agradeço profundamente à minha família, base essencial em cada conquista da minha vida. Aos meus pais, irmãos e ao meu marido, pelo apoio incansável, pela compreensão e pelo amor que me motivaram a não desistir, mesmo diante dos desafios acadêmicos e pessoais.

Estendo meus agradecimentos aos professores do curso de Letras, que, com dedicação e compromisso, contribuíram para minha formação acadêmica e humana. Em especial, agradeço ao meu orientador, Dr. Rubenil da Silva Oliveira, pela orientação cuidadosa, pelas sugestões valiosas e pela confiança depositada no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço, ainda, aos colegas de turma, pela parceria, pelas trocas e pelo companheirismo ao longo desta jornada.

Por fim, deixo meu agradecimento a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este TCC fosse possível. A cada um, minha sincera gratidão.

"A dúvida é a pior de todas as torturas."

(Machado de Assis)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção do ciúme patológico na personagem Bentinho, protagonista do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis, à luz da perspectiva psicanalítica. Partindo da compreensão do ciúme como um fenômeno complexo e multifacetado, a pesquisa investiga como esse sentimento se manifesta de forma obsessiva e delirante ao longo da narrativa, comprometendo a subjetividade do narrador e suas relações afetivas, especialmente com Capitu. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e analítica, fundamentada em estudos literários e psicanalíticos, especialmente em autores como Freud, Birman, Fernandes e Parrott, além da crítica machadiana. A análise evidencia que o ciúme de Bentinho está intimamente relacionado à fragilidade narcísica, à superproteção materna e à dificuldade de lidar com a alteridade e a autonomia do outro, resultando em uma leitura enviesada da realidade. Conclui-se que o ciúme patológico não apenas estrutura a psicologia do personagem, mas também influencia a construção narrativa do romance, revelando a genialidade de Machado de Assis ao problematizar a subjetividade, a memória e a confiabilidade do narrador.

Palavras-chave: Ciúme patológico; Psicanálise; Dom Casmurro; Machado de Assis; Narrador.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the construction of pathological jealousy in the character Bentinho, the protagonist of the novel *Dom Casmurro* by Machado de Assis, through a psychoanalytic perspective. Starting from the understanding of jealousy as a complex and multifaceted phenomenon, the research investigates how this feeling manifests obsessively and delusionally throughout the narrative, compromising the narrator's subjectivity and his affective relationships, especially with Capitu. The methodology adopted is qualitative, with a bibliographic and analytical approach, based on literary and psychoanalytic studies, particularly those of authors such as Freud, Birman, Fernandes, and Parrott, in addition to Machado de Assis criticism. The analysis shows that Bentinho's jealousy is closely related to narcissistic fragility, maternal overprotection, and difficulty in dealing with the otherness and autonomy of others, resulting in a biased perception of reality. It concludes that pathological jealousy not only structures the psychology of the character but also influences the narrative construction of the novel, revealing Machado de Assis's genius in problematizing subjectivity, memory, and the reliability of the narrator.

Keywords: Pathological jealousy; Psychoanalysis; *Dom Casmurro*; Machado de Assis; Narrator.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	POR UMA GENEALOGIA DO CIÚME NA CENA LITERÁRIA	11
2.1	O que é ciúme? Normal ou patológico?	13
2.2	Tipos de ciúme e suas nuances	16
3	MACHADO DE ASSIS E AS COMPLEXIDADES HUMANAS	18
3.1	Notas sobre a biografia e o projeto literário machadiano	20
3.2	As temáticas da obra machadiana: o caso de <i>Dom Casmurro</i>	23
4	O CIÚME EM DOM CASMURRO: uma leitura à luz da psicanálise	26
4.1	Mecanismos do ciúme em Dom Casmurro	28
4.2	O fim do casamento: o último ato de uma mente doentia	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A obra **Dom Casmurro** (1899), de Machado de Assis, constitui uma das mais complexas manifestações literárias da literatura brasileira, notadamente por sua densa estrutura psicológica, narrativa ambígua e caráter introspectivo. Considerada um marco do realismo psicológico na literatura nacional, a obra convida o leitor a adentrar os labirintos da mente de Bento Santiago, o narrador-protagonista, cuja reconstrução memorialista do passado é permeada por contradições, silêncios e sugestões.

Ao abordar a subjetividade de Bentinho, o romance mergulha em temas como memória, desejo, identidade e, sobretudo, ciúme, elemento central da narrativa e força motriz de suas ações. A dúvida obsessiva quanto à fidelidade de Capitu e a angústia que decorre desse sentimento atravessam a estrutura da obra, tornando-se o fio condutor do comportamento do narrador e influenciando diretamente a construção da realidade apresentada ao leitor.

Bentinho, ao rememorar sua trajetória de vida, constrói um discurso que busca validar sua versão dos fatos, enquanto ao mesmo tempo revela sinais de instabilidade emocional e distorções perceptivas. A ambiguidade da narrativa, que oscila entre o verossímil e o delírio, levanta a possibilidade de que o ciúme vivido por ele tenha raízes mais profundas do que meras suspeitas racionais. Essa construção de um sujeito que, ao tentar controlar a narrativa de seu passado, acaba expondo suas fragilidades psíquicas, torna **Dom Casmurro** um campo fértil para interpretações que vão além da crítica literária tradicional, especialmente quando se considera o aparato teórico da psicanálise.

Dentre os diversos vieses possíveis de análise, a perspectiva psicanalítica oferece instrumentos significativos para interpretar a constituição subjetiva das personagens e os conflitos inconscientes que emergem ao longo da narrativa. Nesse sentido, o presente projeto de pesquisa propõe uma leitura de **Dom Casmurro** à luz da teoria psicanalítica, com ênfase na construção do ciúme patológico em Bentinho, articulando conceitos como recalque, projeção, narcisismo e paranoia, desenvolvidos principalmente por Sigmund Freud e posteriormente aprofundados por autores como Jacques Lacan e Otto Kernberg.

A figura de Capitu, por exemplo, é construída não como uma personagem com voz própria, mas como um reflexo das angústias e projeções de Bentinho, o que leva a questionar se sua suposta traição é um fato ou apenas uma construção fantasiosa sustentada pelo ego fragilizado do narrador.

A escolha da obra **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, como objeto de estudo justifica-se pela riqueza simbólica e psicológica que a constitui, sendo amplamente reconhecida

como uma das maiores expressões da literatura brasileira. A complexidade do narrador protagonista, Bento Santiago, permite múltiplas interpretações, sendo a psicanálise um dos instrumentos teóricos mais potentes para explorar as camadas subjetivas de sua narrativa. A proposta de analisar o ciúme patológico de Bentinho sob a ótica da teoria psicanalítica responde à necessidade de compreender os processos inconscientes que moldam sua percepção da realidade, suas relações interpessoais e sua própria identidade.

A obra **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, tem sido objeto de inúmeras interpretações críticas ao longo do tempo, especialmente quanto à suposta infidelidade de Capitu. No entanto, a narrativa construída por Bentinho, marcada por incertezas, omissões e contradições, levanta questionamentos não apenas sobre os fatos narrados, mas principalmente sobre o próprio narrador. Nesse sentido, o ciúme apresentado por Bentinho não se restringe a um sentimento pontual, mas revela-se um traço recorrente e estruturante de sua subjetividade, afetando suas emoções, decisões e a forma como interpreta a realidade. Diante disso, uma questão central se impõe: em que medida o ciúme de Bentinho pode ser compreendido como uma manifestação patológica, e como esse sentimento influencia a construção narrativa e a relação entre os personagens sob a ótica da psicanálise?

A pesquisa teve como objetivo geral investigar, sob a ótica da psicanálise, como se constrói o ciúme patológico de Bento Santiago na obra **Dom Casmurro**, de Machado de Assis. E específicos: Identificar comportamentos ciumentos e obsessivos em Bentinho ao longo da narrativa; Descrever as principais cenas em que o ciúme de Bentinho se manifesta de forma explícita ou simbólica; Discutir como o ciúme influencia a relação entre Bentinho e Capitu, afetando suas decisões, emoções e percepções.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e interpretativa, voltada para a análise literária da obra **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, à luz da teoria psicanalítica. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica se fundamenta no estudo de materiais já publicados, como livros, artigos científicos e ensaios teóricos, sendo adequada para a construção de análises críticas e reflexivas. A investigação qualitativa permite explorar os aspectos subjetivos, simbólicos e psicológicos presentes na narrativa, considerando o contexto histórico-literário da obra e os fundamentos psicanalíticos.

Assim, para o desenvolvimento desta investigação, o trabalho está estruturado em seis capítulos. No capítulo 2, realiza-se uma discussão conceitual sobre o ciúme, a partir de uma perspectiva genealógica, distinguindo suas formas normativas e patológicas, bem como suas variações e nuances. O capítulo 3 aborda Machado de Assis e a complexidade de sua criação

literária, apresentando aspectos fundamentais de sua biografia e os eixos temáticos recorrentes em sua obra, com destaque para **Dom Casmurro**. No capítulo 4, procede-se à análise do ciúme na narrativa machadiana sob a ótica da psicanálise, discutindo tanto os mecanismos psíquicos que organizam o comportamento de Bentinho quanto o desfecho conjugal que revela a deterioração de sua vida emocional. O capítulo 5 apresenta os resultados e discussões, articulando os referenciais teóricos com as interpretações do texto literário. Por fim, no capítulo 6, são expostas as considerações finais, retomando os objetivos propostos e as contribuições da análise para a compreensão do ciúme como fenômeno literário e psíquico.

2 POR UMA GENEALOGIA DO CIÚME NA CENA LITERÁRIA

O ciúme, enquanto emoção humana, tem sido objeto de reflexões filosóficas, psicanalíticas, sociais e literárias. Trata-se de uma emoção ambivalente, que combina amor, posse, medo e suspeita, tornando-se elemento central de experiências humanas, mas também de narrativas culturais. No campo da literatura, o ciúme adquire relevância singular, pois não se restringe a um tema, mas opera como motor de enredo, como construção simbólica e como expressão de subjetividades. Em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, essa emoção não se apresenta de maneira direta, mas emerge como uma construção discursiva e narrativa, atravessando o olhar suspeito de Bentinho e marcando profundamente sua relação com Capitu.

Nesse contexto, propor uma genealogia do ciúme implica problematizar a naturalização dessa emoção. Em diálogo com Nietzsche (1998) e Foucault (2002), é possível afirmar que não existe um “ciúme essencial”, mas sim múltiplas formas históricas de nomear, viver e narrar essa experiência. Assim, o ciúme em *Dom Casmurro* pode ser compreendido como resultado de práticas sociais e culturais do século XIX, atravessadas por valores de honra, patriarcalismo e moral católica. Como observa Schwarz (2000), a literatura machadiana representa as tensões entre tradição e modernidade na sociedade brasileira, e o ciúme de Bentinho é sintoma dessas contradições históricas.

Nietzsche (1998), em sua *Genealogia da Moral*, propõe que os sentimentos morais, como culpa, ressentimento ou ciúme, não derivam de uma essência universal, mas de processos históricos. Nesse sentido, o ciúme deve ser entendido como construção social, ligado a práticas de poder e a relações de hierarquia.

Foucault (2002) retoma esse método para investigar como diferentes discursos, religiosos, médicos, jurídicos e literários, produzem regimes de verdade. Para ele, a genealogia permite mapear as condições históricas que tornam certas emoções inteligíveis. Assim, o ciúme em *Dom Casmurro* não pode ser visto como simples sentimento individual, mas como efeito de dispositivos discursivos do século XIX.

Na sociedade brasileira oitocentista, o casamento era regido por normas de honra e controle patriarcal, onde a fidelidade feminina era mais valorizada do que a masculina. O ciúme masculino, nesse contexto, funcionava como dispositivo de vigilância e de legitimação do poder do homem sobre a mulher. Bentinho encarna essa lógica ao projetar sobre Capitu uma suspeita permanente, cuja força não está em provas, mas na necessidade de preservar sua autoridade

como marido. Como diz Schwarz (2000, p. 32), “a vida íntima nos romances de Machado é também vida social, onde os valores da época se encenam”.

A psicanálise contribui para compreender o ciúme como experiência de desejo, falta e projeção. Freud (2010) reconhece o ciúme como uma das paixões mais primitivas, relacionada ao complexo de Édipo e à rivalidade fraterna. Para ele, muitas vezes, o sujeito projeta em seu parceiro desejos próprios que não admite em si.

Lacan (1998) aprofunda essa ideia, associando o ciúme ao campo do desejo do Outro. O sujeito ciumento se angustia não apenas por perder o objeto amado, mas porque a presença de um rival mostra que seu desejo nunca é exclusivo. Nesse sentido, o ciúme revela uma verdade estrutural: o desejo humano é sempre mediado.

Em *Dom Casmurro*, a narrativa de Bentinho ilustra esse mecanismo: sem provas concretas da suposta traição, ele insiste em interpretar sinais mínimos como certezas. Para Fuks (2019, p. 104), “o ciúme em Machado é mais um exercício de imaginação do que de percepção, um sintoma narrativo que encena a fragilidade da identidade masculina diante da autonomia feminina”. A leitura psicanalítica mostra como Bentinho não descreve apenas um fato, mas projeta suas inseguranças e obsessões.

René Girard (2009) desenvolveu a teoria mimética, segundo a qual o desejo humano é mediado por terceiros: desejamos o que o outro deseja. Assim, o ciúme nasce da triangulação entre sujeito, objeto e rival. No romance, Escobar cumpre esse papel de mediador. Embora sua relação com Capitu nunca seja explicitamente confirmada, a simples presença de Escobar alimenta a suspeita de Bentinho. Para Costa (2021), a amizade intensa entre Bentinho e Escobar intensifica a triangulação, pois a admiração pelo amigo transforma-se em rivalidade simbólica. O ciúme, então, deixa de ser apenas emoção individual e torna-se narrativa obsessiva, organizada em torno de indícios frágeis.

Os estudos de gênero contemporâneos ressaltam que emoções como o ciúme são também práticas performativas (Butler, 2015). Ou seja, elas não apenas expressam sentimentos internos, mas reafirmam papéis sociais. No Brasil oitocentista, o ciúme masculino reforçava a lógica da honra patriarcal.

Como aponta Candido (2011), a literatura da época representava a mulher como guardiã da moral doméstica, mas também como ameaça à estabilidade conjugal. Capitu desestabiliza esse padrão ao se mostrar ativa, inteligente e independente, o que a torna alvo da desconfiança de Bentinho. Dessa forma, o ciúme em *Dom Casmurro* é também instrumento de controle sobre

o feminino. A suspeita sobre Capitu revela mais sobre o desejo de posse de Bentinho do que sobre a conduta da personagem.

A crítica narratológica tem destacado o papel do narrador não confiável em *Dom Casmurro*. Wayne Booth (2011) argumenta que narradores podem manipular ou distorcer os fatos, colocando o leitor em posição de desconfiar da voz narrativa. Bentinho exemplifica esse processo: suas contradições, silêncios e justificativas moldam o ciúme como parte da própria forma narrativa. Como afirma Gledson (2020, p. 77), “a dúvida é a verdadeira protagonista do romance”. Assim, o ciúme não é apenas um tema, mas uma estrutura estética que organiza a experiência de leitura.

A descrição dos “olhos de ressaca” de Capitu é emblemática: um detalhe físico torna-se metáfora de uma força enigmática, interpretada como sinal de traição. Esse recurso mostra como a linguagem de Bentinho transforma percepções em indícios. Na cena da missa, a proximidade entre Capitu e Escobar é narrada com exagero: um olhar ou gesto mínimo converte-se em prova da suposta infidelidade. Aqui, a imaginação ciumenta prevalece sobre qualquer evidência.

Outro episódio é a morte de Escobar: Bentinho insiste em ver nos olhos de Capitu lágrimas excessivas, “não de amiga, mas de amante”. Essa leitura revela como a narrativa transforma o luto em acusação, reforçando a lógica paranoica do narrador. Essas passagens evidenciam que o ciúme em *Dom Casmurro* não está nos fatos, mas na forma como o narrador os reconstrói.

A genealogia do ciúme em *Dom Casmurro* permite compreender essa emoção como fenômeno histórico, psíquico e discursivo. O romance de Machado de Assis revela como o ciúme masculino se enraíza em normas sociais de honra, desejo de posse e insegurança diante da autonomia feminina. Ao mesmo tempo, a forma narrativa problematiza a possibilidade de verdade nas relações íntimas, colocando o leitor diante de um labirinto de suspeitas.

Assim, o ciúme deixa de ser apenas emoção individual para tornar-se estrutura estética e crítica social. A leitura interdisciplinar, que combina genealogia, psicanálise, teoria mimética, estudos de gênero e narratologia, amplia a compreensão desse fenômeno, mostrando que *Dom Casmurro* permanece atual como reflexão sobre poder, desejo e subjetividade.

2.1. O que é ciúme? Normal ou patológico?

O ciúme, enquanto emoção humana, tem sido objeto de reflexão em diferentes áreas do conhecimento, desde a filosofia e a literatura até a psicologia, a psicanálise e a psiquiatria.

Trata-se de uma emoção complexa que envolve sentimentos de medo, insegurança, rivalidade e desejo de posse em relação ao outro. De acordo com Parrott (2001), o ciúme pode ser considerado uma emoção “composta”, uma vez que articula elementos da tristeza, da raiva e do medo. Essa complexidade justifica o fato de o ciúme ser abordado tanto como um sentimento normal, associado à manutenção dos vínculos afetivos, quanto como uma manifestação patológica, capaz de gerar sofrimento e comprometer relações interpessoais.

A definição de ciúme não é única, pois varia segundo as perspectivas teóricas. Para Freud (2010), o ciúme está relacionado ao complexo de Édipo e à rivalidade pelo amor do objeto desejado, configurando-se como um sentimento universal e inevitável nas relações humanas. Lacan (1998) acrescenta que o ciúme se articula no campo do desejo do Outro: o sujeito só percebe seu desejo ao se comparar ao rival, de modo que a figura do terceiro se torna essencial para estruturar a experiência ciumenta. Já Nietzsche (1998), em uma chave genealógica, propõe pensar as paixões como produtos históricos, e não como essências naturais, o que permite compreender o ciúme como emoção culturalmente moldada por discursos e valores sociais.

No campo da psicologia contemporânea, o ciúme é analisado como emoção que pode ter função adaptativa. Segundo DeSteno e Salovey (1996), ele atua como mecanismo de preservação do vínculo afetivo, funcionando como alerta diante de possíveis ameaças à relação. Guerrero e Andersen (2000) destacam que o ciúme moderado pode até reforçar a proximidade entre os parceiros, pois sinaliza investimento emocional e cuidado. Nessa perspectiva, o ciúme é entendido como uma resposta natural, vinculada ao medo da perda, que pode desempenhar papel na manutenção de laços sociais e amorosos.

Por outro lado, há situações em que o ciúme deixa de ser um mecanismo funcional e passa a configurar-se como patológico. O DSM-5 (APA, 2014) descreve o ciúme delirante como um subtipo do transtorno delirante, caracterizado pela convicção infundada e inabalável de infidelidade do parceiro, mesmo sem evidências. Esse tipo de ciúme se diferencia do ciúme comum pela intensidade e rigidez, bem como pelo impacto que exerce na vida cotidiana e nas relações. Marazziti (2010) argumenta que, no ciúme patológico, há uma sobreposição com quadros de transtorno obsessivo-compulsivo, pois o sujeito é dominado por pensamentos intrusivos e comportamentos compulsivos de verificação.

Echeburúa (2013) acrescenta que o ciúme patológico frequentemente está associado à violência de gênero, uma vez que a tentativa de controle sobre o parceiro pode resultar em comportamentos agressivos. Essa dimensão social e cultural não pode ser negligenciada: Illouz

(2012) observa que, nas sociedades contemporâneas, o ciúme também é atravessado por discursos sobre consumo e amor romântico, que exacerbam expectativas de exclusividade e posse. Butler (2015), por sua vez, enfatiza que as emoções têm caráter performativo, ou seja, não são apenas vividas, mas encenadas em práticas sociais. Nesse sentido, o ciúme pode funcionar como dispositivo que reafirma papéis de gênero, especialmente no contexto de uma cultura patriarcal que associa masculinidade à posse da parceira.

Um ponto central para distinguir entre ciúme normal e patológico é a questão da proporcionalidade. Segundo Cobb e Marks (2017), o ciúme pode ser considerado normal quando se manifesta como reação transitória e proporcional diante de situações de ameaça real ou percebida. Ele se torna patológico quando é desproporcional, persistente, infundado e prejudicial ao bem-estar do sujeito e do outro. Tarrier (2015) complementa que, no âmbito terapêutico, a avaliação clínica deve considerar não apenas a intensidade do ciúme, mas também sua interferência no funcionamento social e emocional do indivíduo.

Do ponto de vista psicanalítico, Freud (2010) identificou três camadas no ciúme: o ciúme competitivo (normal), relacionado à rivalidade concreta; o ciúme projetado, no qual o sujeito atribui ao parceiro desejos que ele próprio experimenta; e o ciúme delirante, associado a processos patológicos mais profundos. Essa classificação permite observar a continuidade entre o ciúme normal e o patológico, uma vez que ambos compartilham a mesma estrutura afetiva, diferenciando-se pelo grau de elaboração psíquica e pela intensidade. Lacan (1998) reforça essa leitura ao argumentar que o ciúme é sempre mediado pelo olhar do Outro, de modo que a ameaça ao vínculo está menos nos fatos objetivos e mais na fantasia do sujeito.

Na perspectiva das neurociências, estudos recentes sugerem que o ciúme ativa áreas cerebrais associadas ao medo e à dor social, como a amígdala e o córtex cingulado anterior (Marazziti, 2010). Isso reforça a ideia de que o ciúme, ainda que culturalmente construído, também tem substratos biológicos, o que explica sua presença universal nas diferentes culturas. Contudo, a forma como é vivido e interpretado depende de valores sociais, normas de gênero e discursos morais que moldam a experiência emocional.

Portanto, o ciúme pode ser compreendido em uma dupla dimensão: como emoção normal, ele constitui parte da vida afetiva humana, desempenhando papel de alerta e proteção dos vínculos; como emoção patológica, ele se transforma em fonte de sofrimento, violência e desestruturação psíquica. A fronteira entre o normal e o patológico não é rígida, mas depende de critérios de intensidade, persistência e impacto nas relações interpessoais. Reconhecer essa

ambiguidade é fundamental para compreender a complexidade do ciúme e sua relevância tanto no campo clínico quanto nas análises culturais e sociais.

2.2. Tipos de ciúme e suas nuances

O ciúme, enquanto emoção complexa e multifacetada, pode assumir diferentes formas de manifestação. Ele não se reduz a uma experiência única e homogênea, mas apresenta nuances que variam de acordo com fatores psicológicos, culturais e relacionais. Segundo Parrott (2001), o ciúme é uma emoção social que se articula a partir de múltiplas dimensões: cognitiva, afetiva e comportamental, e, por isso, apresenta diferentes intensidades e expressões. A literatura científica costuma diferenciar entre ciúme normal, ciúme projetado, ciúme patológico e ciúme delirante, além de considerar suas manifestações específicas em contextos sociais e de gênero.

Do ponto de vista psicanalítico, Freud (2010) identifica três tipos de ciúme. O primeiro é o ciúme competitivo ou normal, ligado à rivalidade concreta diante de uma ameaça real ou percebida à relação amorosa. Esse tipo, considerado universal, expressa-se como reação transitória e pode ser visto como parte integrante da vida afetiva. O segundo é o ciúme projetado, no qual o sujeito atribui ao parceiro os desejos ou intenções que ele mesmo possui, transferindo sua própria experiência inconsciente para o outro. Por fim, o terceiro é o ciúme delirante, caracterizado pela convicção inabalável da infidelidade do parceiro, mesmo sem evidências, sendo frequentemente associado a quadros psicopatológicos mais graves.

Lacan (1998), ao retomar essa discussão, destaca que o ciúme sempre envolve a presença de um terceiro, real ou imaginário, que funciona como mediador do desejo. Essa triangulação revela a dimensão estrutural do ciúme, que não depende apenas de fatos objetivos, mas da fantasia do sujeito em relação ao desejo do Outro. Nesse sentido, pode-se compreender como o ciúme imaginário difere do ciúme simbólico e do ciúme real na teoria lacaniana: enquanto o primeiro se relaciona a rivalidades de ordem narcísica, o segundo é estruturado pela linguagem e pela posição do sujeito no discurso, e o terceiro envolve situações efetivas de perda ou ameaça.

Na psicologia contemporânea, Guerrero e Andersen (2000) distinguem entre ciúme emocional e ciúme cognitivo. O primeiro refere-se às reações afetivas, como raiva, tristeza e insegurança, diante da possibilidade de perder o parceiro. Já o segundo envolve processos de pensamento, como suspeitas, interpretações e comparações. Além disso, os autores descrevem o ciúme comportamental, expresso em ações de vigilância, controle ou confrontação, que podem variar entre sutis e invasivas. Essa classificação permite observar que o ciúme pode

permanecer no nível interno das emoções ou se converter em práticas concretas de monitoramento e possessividade.

Outros estudiosos diferenciam o ciúme romântico do ciúme sexual. O primeiro está relacionado ao medo de perder o afeto ou a exclusividade emocional do parceiro; o segundo, à ameaça de infidelidade física ou sexual (DeSteno; Salovey, 1996). Ambos podem coexistir, mas apresentam intensidades distintas conforme os valores culturais e os padrões de gênero. Em sociedades marcadas por fortes expectativas de fidelidade, o ciúme sexual tende a ser mais acentuado; já em contextos onde a intimidade emocional é valorizada, o ciúme romântico ganha maior relevância.

No campo da psiquiatria, o DSM-5 (APA, 2014) descreve o ciúme delirante como uma forma específica de transtorno delirante, caracterizada por crenças infundadas e persistentes de infidelidade. Esse tipo é diferenciado do ciúme obsessivo ou patológico, que, embora não configure delírio, apresenta pensamentos recorrentes, intrusivos e desproporcionais, frequentemente associados a transtornos ansiosos ou obsessivo-compulsivos (Marazziti, 2010).

As nuances do ciúme também podem ser compreendidas sob a perspectiva cultural. Illouz (2012) argumenta que o ciúme contemporâneo é moldado por discursos do amor romântico e do consumo afetivo, que intensificam expectativas de exclusividade e autenticidade nos relacionamentos. Butler (2015), por sua vez, chama atenção para a dimensão performativa das emoções: o ciúme não é apenas vivido, mas encenado como prática que reafirma papéis sociais e de gênero. Assim, o ciúme masculino frequentemente assume contornos de posse e honra, especialmente em sociedades patriarcais, enquanto o ciúme feminino é muitas vezes interpretado de forma estereotipada como fragilidade ou insegurança.

Portanto, o ciúme pode ser classificado em diferentes tipos e níveis: normal, projetado, patológico, delirante, emocional, cognitivo, comportamental, romântico, sexual, além de suas variações culturais e de gênero. Cada uma dessas formas expressa nuances específicas que vão do afeto cotidiano à psicopatologia grave. Reconhecer essas distinções é fundamental não apenas para a compreensão acadêmica do fenômeno, mas também para o manejo clínico e para a análise crítica das relações sociais.

3 MACHADO DE ASSIS E AS COMPLEXIDADES HUMANAS

Machado de Assis (1839–1908) é amplamente reconhecido como um dos maiores representantes da literatura brasileira, cuja obra transcende seu tempo ao abordar com profundidade as contradições, ambiguidades e fragilidades da condição humana. Sua escrita combina ironia, introspecção e análise social, permitindo uma leitura crítica do indivíduo e da sociedade do século XIX, ainda que seus temas permaneçam universais e atuais.

Segundo Antonio Candido (1970, p. 104), “Machado de Assis soube captar, como poucos, a alma humana em seus desvãos, com sutileza e ironia, mostrando que a literatura pode ser também uma forma de conhecimento do homem”. A leitura de Candido posiciona Machado como um autor que inaugura uma nova consciência literária, marcada pela reflexão psicológica e pelo questionamento moral.

De acordo com Schwarz (2000), a obra machadiana reflete as contradições do Brasil oitocentista, sobretudo o “descompasso entre a ideologia liberal e as estruturas sociais herdadas do escravismo”. O crítico destaca que Machado foi capaz de revelar as fissuras de uma sociedade que buscava se modernizar mantendo seus privilégios coloniais. A ironia, portanto, é mais do que uma estratégia estilística: é um instrumento crítico que evidencia o absurdo das relações sociais e morais da época. Em *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, a ironia desestabiliza o leitor e impede certezas, revelando que as verdades humanas são sempre parciais e interessadas.

A complexidade das personagens machadianas decorre da maneira como o autor constrói consciências em conflito. Bento Santiago, Rubião, Brás Cubas e outros personagens encarnam o drama da ambiguidade moral, oscilando entre o desejo e a culpa, o amor e o egoísmo, o altruísmo e a vaidade.

Conforme observa Bosi (2002, p. 175), “a grandeza de Machado está em ter compreendido que o homem é um ser contraditório, dividido entre o impulso e a razão, e que é precisamente dessa divisão que nasce a arte”. Essa leitura é corroborada por estudiosos contemporâneos que situam o autor no âmbito das discussões sobre a subjetividade moderna.

Nos estudos mais recentes, a psicologia e a psicanálise têm sido utilizadas para reler Machado de Assis. Para Martins (2021, p. 89), “a escrita machadiana antecipa questões que Freud viria a sistematizar, como o inconsciente e a repressão, ao retratar personagens que não se conhecem plenamente e agem movidos por pulsões obscuras”. Essa perspectiva coloca Machado como um autor que compreendeu intuitivamente a complexidade psíquica do ser

humano, muito antes da formalização teórica da psicanálise. Em *O Alienista*, por exemplo, o autor ironiza o desejo humano de classificar e controlar a loucura, expondo o limite entre razão e delírio.

Outro aspecto central nas leituras contemporâneas é a questão racial e identitária. Durante décadas, a crítica literária brasileira tendeu a invisibilizar a condição racial de Machado de Assis, um homem negro que ascendeu socialmente em uma sociedade escravocrata. Pesquisas recentes vêm revisitando essa dimensão, propondo novas interpretações sobre como a negritude e a marginalização podem estar presentes, ainda que de forma sutil, em sua obra.

Segundo Duarte (2022, p. 57), “ler Machado de Assis sob a ótica da racialização é reconhecer as camadas de silêncio e resistência que estruturam sua linguagem e sua posição de autor”. Essa abordagem contemporânea tem enriquecido o debate, aproximando a crítica machadiana de discussões sobre representatividade, identidade e colonialidade.

O debate sobre Machado e a questão racial também aparece em Lima (2023), que aponta para a necessidade de superar as leituras eurocêntricas que reduziram o escritor a um autor “universal”, apagando o contexto racial e social que moldou sua experiência. Para o autor, “a universalidade de Machado é inseparável de sua singularidade enquanto homem negro em um país escravocrata; é dessa tensão que nasce a profundidade de sua análise da alma humana” (Lima, 2023, p. 42). Essa nova crítica busca descolonizar a leitura de Machado, sem reduzi-lo a um símbolo racial, mas integrando essa dimensão às suas escolhas estéticas e temáticas.

Além da dimensão racial, há também uma leitura filosófica contemporânea de sua obra. De acordo com Alves (2020, p. 134), “Machado de Assis propõe uma filosofia do desencanto, na qual o homem é confrontado com a própria incapacidade de atingir o ideal de racionalidade e moralidade que a modernidade promete”. Essa “filosofia machadiana” manifesta-se no ceticismo, no pessimismo e na ironia, que questionam valores burgueses e idealistas.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o narrador fala “do alto do túmulo” para relativizar a importância da vida, do sucesso e das paixões, convertendo o humor em instrumento filosófico. Essa visão coincide com o que Costa (2024) chama de “humanismo irônico”, em que a compaixão se mistura à crítica e a lucidez se equilibra com o desencanto.

A crítica mais recente também tem explorado o potencial interdisciplinar da obra machadiana, relacionando-a a temas como neurociência, filosofia moral e teoria da mente. Pereira (2025, p. 91) argumenta que “as narrativas de Machado antecipam conceitos da psicologia cognitiva contemporânea, ao explorar processos mentais como autoengano, memória

seletiva e consciência moral”. Isso reforça o caráter universal de sua escrita, pois, mesmo no século XIX, o autor parecia intuir as complexas dinâmicas internas do comportamento humano.

No entanto, a recepção crítica de Machado de Assis não é unânime. Alguns estudiosos contemporâneos têm questionado a aparente neutralidade do autor diante das injustiças sociais. Santos (2022, p. 63) observa que “a ironia machadiana, embora subversiva, pode também funcionar como um mecanismo de distanciamento, atenuando o impacto ético das situações narradas”.

Essa crítica busca tensionar a figura de Machado, reconhecendo sua genialidade estética, mas problematizando o alcance político de sua obra. Por outro lado, estudiosos como Ribeiro (2023) defendem que a força da literatura machadiana está justamente na sutileza com que denuncia o absurdo da condição humana, evitando o panfleto e apostando na complexidade moral.

De modo geral, os estudos contemporâneos reafirmam que a obra de Machado de Assis permanece atual porque continua desafiando classificações simplistas. Seus personagens, enredados em contradições éticas e psicológicas, refletem um projeto literário que é também uma forma de investigação filosófica sobre o ser. Como resume Schwarz (2000, p. 145), “em Machado, as ideias e as formas sociais se cruzam e se contradizem, revelando um país e uma humanidade em descompasso consigo mesmos”. Essa concepção explica por que o autor continua a ser um ponto de convergência entre a crítica clássica e as novas abordagens acadêmicas.

Conclui-se que Machado de Assis permanece um autor indispensável para pensar as complexidades humanas, não apenas por sua maestria narrativa, mas por sua capacidade de revelar o que há de mais contraditório e enigmático na experiência humana. Sua obra desafia o leitor a reconhecer-se nas ambiguidades morais, nas falhas de caráter e nas ilusões que sustentam a vida social. Assim, como observa Martins (2021, p. 95), “ler Machado é olhar-se no espelho e perceber que o humano é feito de sombras, ironias e desejos inconclusos”.

3.1 Notas sobre a biografia e o projeto literário machadiano

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade em 29 de setembro de 1908. Filho de Francisco José de Assis, pintor e operário, e de Maria Leopoldina Machado de Assis, lavadeira açoriana, Machado teve origem humilde e ascendeu socialmente por meio do estudo e do talento literário. Sua trajetória é

marcada pela autodidaxia, pela superação de adversidades e por uma notável inserção no meio intelectual brasileiro do século XIX. Como observa Bosi (2002, p. 23), “Machado foi o exemplo raro de um escritor que, vindo das camadas populares, construiu para si um espaço de prestígio sem romper com a discrição de suas origens”.

Desde cedo, Machado demonstrou interesse pela leitura e pela escrita. Trabalhou como tipógrafo e revisor na *Imprensa Nacional*, ambiente em que teve contato com obras de filosofia, história e literatura, e onde também iniciou sua carreira como poeta e cronista. A experiência no jornalismo formou o olhar crítico e a sensibilidade analítica que marcariam toda a sua obra. Segundo Candido (1970, p. 182), “Machado educou-se no ofício das letras, transformando o trabalho diário com a linguagem em instrumento de conhecimento da sociedade e do homem”.

Apesar de ter vivido em uma sociedade escravocrata e racista, Machado raramente abordou a questão racial de forma explícita. Tal silêncio, contudo, tem sido objeto de releituras recentes que o interpretam não como omissão, mas como estratégia estética e política. Duarte (2022, p. 59) afirma que “a sutileza com que Machado tratou a condição racial reflete o dilema de um homem negro que buscou inserir-se em um meio intelectual eurocêntrico, sem deixar de observar criticamente as estruturas de poder que o cercavam”. Nesse sentido, sua trajetória pessoal e seu projeto literário estão intrinsecamente ligados à tensão entre invisibilidade e resistência simbólica.

O projeto literário de Machado de Assis evolui da fase inicial romântica, marcada por influências de Gonçalves Dias e José de Alencar, para uma maturidade realista e introspectiva, inaugurada com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Essa transição, como aponta Schwarz (2000), representa uma virada radical na literatura brasileira: “em Machado, o narrador já não descreve o mundo como algo dado, mas o reinventa pela ironia, expondo a inconsistência das ideias e a relatividade dos valores” (p. 137). O autor abandona o sentimentalismo romântico e adota um olhar cético, voltado às motivações ocultas da alma humana.

A chamada “segunda fase machadiana”, que inclui *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899) e *Esaú e Jacó* (1904), consolida o que críticos como Candido (1970) e Bosi (2002) denominam de “romance psicológico”, no qual o foco recai sobre os conflitos internos, as ambiguidades morais e o autoengano das personagens. O narrador deixa de ser uma voz onisciente para tornar-se parte do problema narrativo: fala, julga e se contradiz, revelando a precariedade do conhecimento humano. Para Martins (2021, p. 87), “Machado antecipa a modernidade literária ao criar narradores que desconfiam de si mesmos e de suas próprias verdades, abrindo caminho para o romance introspectivo do século XX”.

O projeto literário machadiano, portanto, pode ser compreendido como um esforço contínuo de examinar a natureza humana em suas dimensões moral, psicológica e social. Em *O Alienista* (1882), o autor utiliza a sátira científica para criticar a pretensão racionalista de classificar o comportamento humano; em *Dom Casmurro*, investiga os limites entre memória e delírio, verdade e imaginação; em *Brás Cubas*, confronta o leitor com a vaidade e o egoísmo universais. Essas obras formam um sistema de pensamento que, segundo Alves (2020, p. 132), “propõe uma filosofia do desencanto: a consciência de que o homem é movido por paixões contraditórias e pela impossibilidade de alcançar a plenitude racional”.

A crítica contemporânea tem destacado que a sofisticação de Machado reside na combinação entre forma e conteúdo. Sua ironia é não apenas um recurso estilístico, mas também um modo de conhecimento. Como assinala Costa (2024, p. 141), “a ironia machadiana desestabiliza o leitor, obrigando-o a ocupar o mesmo lugar de incerteza das personagens, é uma ética do olhar e da dúvida”. Essa concepção aproxima o projeto machadiano das correntes filosóficas modernas, em especial do ceticismo e do humanismo trágico, que compreendem a existência como espaço de contradição e limite.

Outro traço fundamental é o tratamento universal dado a questões locais. Embora ambientadas no Rio de Janeiro imperial, as narrativas de Machado ultrapassam o regionalismo ao explorar a essência do comportamento humano. Pereira (2025, p. 92) observa que “os conflitos de ciúme, vaidade e autoengano que estruturam as tramas machadianas são, na verdade, manifestações universais da mente humana, analisadas com uma precisão quase científica”. Essa característica explica por que a obra do autor continua a dialogar com públicos e contextos distintos, permanecendo atual mais de um século após sua morte.

No campo biográfico, é importante destacar que Machado de Assis foi o fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897, instituição que simboliza seu reconhecimento nacional e sua integração no cânone literário. Contudo, como apontam estudos recentes, esse reconhecimento foi obtido a um custo alto de apagamento racial e social.

Lima (2023, p. 45) observa que “a ascensão de Machado não se deu pela negação de sua origem, mas pela sublimação dela em um projeto literário que traduz a tensão entre a marginalidade e o pertencimento”. Assim, sua biografia e sua estética se entrelaçam: o autor que ascende de um contexto periférico torna-se o observador privilegiado da hipocrisia e da vaidade da elite.

Em síntese, as notas biográficas e o projeto literário de Machado de Assis revelam um escritor consciente de seu tempo e, ao mesmo tempo, visionário. Seu percurso de vida, marcado

pela discrição e pelo domínio técnico da palavra, reflete uma busca por autonomia intelectual e reconhecimento em uma sociedade excludente. Sua literatura, por sua vez, constrói um retrato irônico e profundo da alma humana, questionando valores sociais e psicológicos que permanecem atuais. Como sintetiza Bosi (2002, p. 181), “Machado escreveu para além de seu século porque compreendeu que o humano é feito de contradições, e a ironia é o espelho dessa condição”.

3.2. As temáticas da obra machadiana: o caso de *Dom Casmurro*

Machado de Assis construiu uma obra profundamente voltada à investigação das complexidades humanas, nas quais temas como o amor, o ciúme, a vaidade, a hipocrisia e o poder são constantemente revisitados sob a lente da ironia e da ambiguidade moral. Entre todas as suas criações, *Dom Casmurro* (1899) figura como um dos romances mais enigmáticos e debatidos da literatura brasileira, não apenas pela famosa dúvida sobre a fidelidade de Capitu, mas, sobretudo, por sua capacidade de revelar os mecanismos psicológicos e sociais que estruturam as relações humanas. Segundo Bosi (2002, p. 167), “em *Dom Casmurro*, Machado leva ao extremo o jogo da consciência e da suspeita, transformando o ciúme em uma metáfora da fragilidade do conhecimento humano”.

O romance narra a história de Bento Santiago, um homem que, na maturidade, tenta reconstruir suas memórias e comprovar a traição de sua esposa, Capitu. Entretanto, o texto é construído de modo a colocar em dúvida a própria veracidade do narrador, que se mostra parcial, contraditório e obsessivo. Essa estrutura narrativa faz de *Dom Casmurro* um estudo sobre a subjetividade e o autoengano. Para Candido (1970, p. 204), “a genialidade de Machado consiste em dar voz a um narrador que, ao tentar se justificar, acaba se denunciando”. O leitor é convocado a preencher as lacunas e a questionar a legitimidade dos sentimentos e das recordações de Bento, o que transforma o ato de leitura em uma experiência de dúvida e reflexão moral.

A principal temática de *Dom Casmurro* é o ciúme, compreendido não apenas como sentimento individual, mas como expressão de uma estrutura social patriarcal que condiciona as relações entre homens e mulheres. Em um contexto marcado pela moralidade burguesa e pela submissão feminina, o ciúme de Bentinho reflete tanto a insegurança pessoal quanto o controle simbólico exercido pelo homem sobre o corpo e o destino da mulher.

De acordo com Schwarz (2000, p. 152), “em Bento Santiago, o ciúme é menos paixão do que ideologia, a forma pela qual o homem se afirma como senhor de uma ordem em decadência”. Assim, a obsessão do protagonista revela a tensão entre o indivíduo e as convenções sociais, entre o amor idealizado e a desconfiança que corrói a convivência.

A narrativa também aborda de maneira crítica o papel da mulher e a construção de sua imagem na sociedade brasileira do século XIX. Capitu, com seus “olhos de ressaca”, é uma das personagens femininas mais complexas da literatura nacional: ambígua, inteligente e autônoma, ela desafia as expectativas patriarcais e, por isso, torna-se alvo de suspeita.

Para Duarte (2022, p. 61), “a figura de Capitu representa a mulher que pensa, que observa e que deseja, e é exatamente por isso que o narrador tenta reduzi-la à condição de culpada”. A leitura contemporânea, influenciada pelos estudos de gênero, tem recuperado Capitu como símbolo de resistência e crítica ao olhar masculino que domina a narrativa.

A questão da memória é outro tema central no romance. A história é contada em primeira pessoa, muitos anos após os acontecimentos, o que confere à narrativa um caráter de rememoração seletiva. Bentinho tenta reconstruir o passado para confirmar suas suspeitas, mas suas lembranças são permeadas por distorções, esquecimentos e interpretações subjetivas.

Segundo Martins (2021, p. 90), “em *Dom Casmurro*, o narrador não busca a verdade, mas a legitimação de sua própria versão dos fatos, a memória, nesse sentido, é uma ficção moral”. Essa observação reforça o caráter psicológico da narrativa machadiana, que antecipa questões da psicanálise e da filosofia da mente contemporânea.

Outro aspecto fundamental é o uso da ironia como instrumento de desestabilização. A ironia machadiana atua tanto no plano do narrador quanto na estrutura do texto: o autor ironiza o ciúme de Bentinho, a moral religiosa que o cerca e até mesmo o leitor, que se torna cúmplice involuntário de uma narrativa duvidosa. Conforme Costa (2024, p. 142), “Machado utiliza a ironia não apenas como sarcasmo, mas como método de conhecimento, é a ferramenta pela qual o leitor aprende a desconfiar das certezas e dos discursos de poder”. Essa ironia perpassa todo o romance, permitindo leituras múltiplas e ambivalentes, o que explica a vitalidade de *Dom Casmurro* mesmo mais de um século após sua publicação.

A obra também expressa o pessimismo filosófico característico do projeto literário machadiano. Em *Dom Casmurro*, como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, o autor explora o desencanto, o egoísmo e o cálculo moral como motores da ação humana. Alves (2020, p. 138) define esse traço como “um ceticismo existencial que vê na vida mais ilusões do que certezas”. Machado não oferece soluções nem verdades; ao contrário,

coloca o leitor diante da consciência trágica de que o amor, a amizade e a fé são sempre atravessados por interesses e desconfianças.

Além disso, *Dom Casmurro* pode ser lido como uma metáfora da identidade nacional, uma vez que reflete o comportamento de uma sociedade em transição, dividida entre o desejo de modernidade e as heranças do patriarcalismo e da escravidão. Lima (2023, p. 48) observa que “o ciúme de Bento não é apenas individual: é o ciúme de uma elite que teme perder o controle sobre suas tradições e privilégios”. Dessa forma, a obra se torna também uma crítica social, em que o drama íntimo reflete as tensões coletivas de uma nação em formação.

A complexidade de *Dom Casmurro* decorre da fusão entre o psicológico, o moral e o social, uma característica que define todo o projeto machadiano. Pereira (2025, p. 94) destaca que “a força de Machado reside na capacidade de transformar o trivial em reflexão filosófica; em seus romances, as pequenas ações humanas se tornam símbolos das contradições universais”. Assim, a obra ultrapassa os limites do Realismo e antecipa tendências da literatura moderna, como o fluxo de consciência e a fragmentação narrativa.

Dom Casmurro é uma síntese exemplar do universo temático machadiano: o ciúme, a memória, a ironia, a hipocrisia social e a condição feminina se entrelaçam para compor um retrato complexo da alma humana e da sociedade brasileira. O romance não oferece respostas, mas perguntas; não apresenta verdades, mas dúvidas. Como afirma Bosi (2002, p. 175), “Machado de Assis fez da incerteza a sua forma de verdade”. Essa é, talvez, a razão pela qual *Dom Casmurro* continua a fascinar leitores e críticos: porque fala daquilo que, em cada época, permanece indecifrável, a natureza contraditória do ser humano.

4 O CIÚME EM DOM CASMURRO: uma leitura à luz da psicanálise

O romance **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, permanece como uma das obras mais estudadas da literatura brasileira, especialmente por sua complexidade psicológica e pela ambiguidade do narrador. Nos últimos anos, críticos contemporâneos têm reinterpretado a narrativa utilizando aportes da psicanálise, demonstrando que o ciúme de Bento Santiago ultrapassa uma suspeita conjugal e se configura como expressão de conflitos emocionais profundos, ligados à formação subjetiva, à fragilidade narcísica e à incapacidade de reconhecer o outro em sua alteridade (Almeida, 2017; Amaral, 2020; Pereira, 2023). Assim, as análises recentes buscam compreender o ciúme não como resultado de fatos concretos, mas como elaboração simbólica construída pelo próprio narrador para dar sentido a suas angústias.

Pesquisadores atuais defendem que a atuação do ciúme em Bento se relaciona a elementos de sua história emocional e à forma como foi criado. De acordo com Fernandes (2021), a superproteção materna, amplamente descrita no romance, dificultou a construção de autonomia subjetiva, gerando dependência afetiva e necessidade constante de reconhecimento do outro.

Assim, quando Bento se envolve com Capitu, essa relação não se desenvolve em bases igualitárias, mas como tentativa de manter um absoluto narcísico herdado do ambiente familiar. Araújo (2022) observa que a passagem simbólica da mãe para Capitu não ocorre de forma madura, mas marcada por transferência emocional, idealização e fragilidade egóica, condições que favorecem o surgimento de ciúmes intensos mesmo diante de pequenos sinais de ameaça.

Esse padrão se relaciona com o que Freud propôs sobre o ciúme projetivo, mas ganha releitura contemporânea. Segundo Ferreira (2023), a projeção hoje é entendida também como “estratégia discursiva”, ou seja, forma de elaborar a dor psíquica por meio da construção de narrativas que justificam o sofrimento. Em *Dom Casmurro*, Bento reorganiza o passado de modo a tornar sua versão emocionalmente suportável, selecionando eventos e interpretando-os de forma a reafirmar sua posição de vítima. Amaral (2020) afirma que o narrador “não busca evidências, mas confirmações”, pois a finalidade da história não é revelar a verdade dos fatos, mas sustentar a identidade ferida do sujeito que narra.

A crítica atual considera também as contribuições da psicanálise lacaniana. Para Lacan, desenvolvido por autores como Coutinho (2022) e Rinaldi (2016), o eu só existe em relação ao outro, e qualquer ameaça simbólica a essa relação pode desencadear fortes reações emocionais.

Assim, o ciúme aparece quando o sujeito percebe que o outro possui existência própria, desejos, interesses, escolhas, que ele não controla.

Em Bento, essa ameaça ocorre quando ele se dá conta de que Capitu é mais madura, inteligente e socialmente articulada do que ele. Santos (2022) explica que o protagonista não sofre apenas com a possibilidade de infidelidade, mas com o reconhecimento de que sua imagem idealizada não encontra sustentação na realidade. Capitu não corresponde ao papel de objeto submisso e complementar, e isso desestrutura o narcisismo do narrador.

Essa leitura também se aproxima do que Fernandes (2021) chama de “afetividade especular”, na qual o outro é amado enquanto espelho do eu, e não como sujeito autônomo. Quando essa dinâmica se rompe, o vínculo amoroso deixa de funcionar como sustento narcísico. Bento, incapaz de lidar com essa perda, passa a organizar a narrativa para neutralizar a dor. Como observa Moreira (2021), essa incapacidade de reconhecer o outro em sua autonomia constitui uma forma de “intersubjetividade negativa”, caracterizada pelo medo da diferença e pela tentativa de apagar a alteridade do outro para preservar a própria identidade psíquica.

A análise contemporânea também destaca o papel da linguagem na construção da narrativa. Silva (2019) sublinha que *Dom Casmurro* apresenta estrutura marcada por hesitações, lacunas, justificativas e contradições, elementos que refletem o próprio desequilíbrio psíquico do narrador. Assim, o texto se torna expressão da subjetividade de Bento, funcionando como tentativa de reorganizar simbolicamente uma dor que ele não consegue elaborar plenamente. Coutinho (2022) argumenta que “é o discurso que revela Bento, e não o fato narrado”, de modo que as suspeitas do protagonista se tornam menos importantes do que o processo psicológico que ele tenta encobrir enquanto narra.

Autores atuais têm defendido que essa leitura torna Bento um narrador não confiável, característica que convoca o leitor a interpretar o texto para além da superfície. Guimarães e Santos (2015) destacam que a ausência de voz de Capitu, que nunca tem sua versão apresentada, reforça que a narrativa não pretende esclarecer se houve ou não traição, mas expor o que Bento precisa acreditar para suportar sua própria fragilidade emocional. Pereira (2023) acrescenta que essa ausência evidencia uma escrita marcada por recalcamientos narrativos, pois o que Bento silencia é tão revelador quanto aquilo que ele insiste em narrar.

Outra contribuição contemporânea consiste em relacionar o ciúme do narrador ao contexto social da época. Nascimento (2020) ressalta que o século XIX era marcado por forte ideal patriarcal, no qual a honra masculina estava associada à posse e ao controle sobre a

mulher. Assim, o ciúme de Bento não pode ser analisado apenas na dimensão individual ou inconsciente, mas também como resultado de um modelo social que reforçava que a autonomia feminina era ameaça à virilidade e à reputação masculina.

Essa leitura dialoga com estudos de psicologia social que apontam que expectativas culturais podem intensificar o ciúme quando o homem percebe rivalidade ou perda simbólica (Ribeiro; Quintão, 2023). Capitu, por ser uma mulher inteligente, ativa e capaz de ocupar posições sociais de prestígio, se torna não apenas esposa, mas espelho da insuficiência emocional de Bento e da fragilidade de sua identidade dentro de valores sociais patriarcais.

As leituras contemporâneas do ciúme em *Dom Casmurro* indicam que Bento Santiago não sofre pela traição em si, cuja existência nunca é comprovada, mas pela experiência de desmoronamento da identidade que construiu para si e para Capitu. Assim, o ciúme é visto como mecanismo defensivo mobilizado diante da impossibilidade de dominar o outro e da dor causada pela perda simbólica de completude. Mais do que uma narrativa de adultério, o romance apresenta um estudo sobre os limites da subjetividade humana, mostrando que amar o outro exige reconhecer sua autonomia, algo que Bento nunca conseguiu fazer. Por isso, sua narrativa não é apenas relato de vida, mas modo de reconstrução psíquica para tentar suportar aquilo que o ultrapassa.

4.1 Mecanismos do ciúme em Dom Casmurro

O ciúme em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, permanece como um dos temas mais analisados da literatura brasileira, porém, à luz da psicanálise contemporânea, revela novas dimensões da subjetividade de Bentinho e dos processos inconscientes que moldam sua experiência amorosa. Em vez de ser entendido como mera resposta emocional a uma suposta traição, o ciúme é tomado como fenômeno psíquico complexo, resultante de mecanismos defensivos, angústias relacionadas à perda do objeto amoroso, fragilidade narcísica e dificuldades de constituição de identidade. Esse quadro é clarificado ao leitor quando o José Dias faz uma visita a Bentinho no seminário e ao ser perguntado sobre Capitu, diz: “- Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com ela...” (Assis, 2010, p. 105).

Conforme o excerto, entende-se que a fala de José Dias angustia e faz despertar o ciúme do protagonista. Por sua vez, Freud (1922) inaugurou as bases para compreender o ciúme como produto de três níveis: normal, projetado e delirante, mas autores recentes como Birman (2019),

Kehl (2020), Santaella (2021) e Costa (2022) ampliam essa leitura, permitindo compreender como os componentes subjetivos, sociais e simbólicos interferem na construção do ciúme como narrativa que organiza o sentido da experiência emocional do sujeito. Dessa experiência, percebe-se:

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se entendermos que a audiência aqui não é das orelhas senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ele fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia... (Assis, 2010, p. 105).

O ciúme de Bentinho encontra raízes em sua estrutura narcísica ainda frágil, marcada pela busca de reconhecimento e validação externa. Freud (1922) já afirmava que o ciúme é vivenciado com intensidade maior quando o sujeito se percebe incompleto, dependente do olhar do outro para sustentar sua identidade. Essa concepção encontra ressonância em estudos recentes. Birman (2019) afirma que o ciúme surge como reação à ameaça da desestabilização da imagem de si, e se intensifica quando o sujeito não admite internamente sua própria vulnerabilidade. Nesse sentido, Bentinho não teme apenas perder Capitu para Escobar; teme perder a imagem de si como homem completo, bem-sucedido, amado e reconhecido socialmente.

Ao longo da narrativa, Bentinho revela grande necessidade de confirmação emocional, já presente desde a juventude. A formação católica rígida, a convivência superprotetora com a mãe e a idealização de Capitu contribuem para a construção de uma identidade dependente e pouco autônoma. Como discute Kehl (2020), sujeitos com estrutura emocional baseada na fusão simbólica com o outro vivenciam o amor como extensão de si e não como relação de alteridade; por isso, o ciúme aparece como tentativa de preservar o próprio eu diante da ameaça de separação. No caso de *Dom Casmurro*, a mulher-amada não é apenas companheira, mas suporte psicológico para que Bentinho sustente sua completude subjetiva.

Assim, quando a presença de Escobar passa a representar risco simbólico, Bentinho não se vê apenas diante da possível infidelidade de Capitu, mas da dissolução de sua própria identidade amorosa. Como afirma Rojas (2017), em estudos sobre dependência emocional, a perda do objeto amoroso “significa, para esses sujeitos, a ruína narcísica e o colapso da

autoestima”. Logo, não é o ato concreto da traição que conduz Bentinho ao sofrimento, mas o que ela representa: o temor de não ser suficiente, de não ter sido escolhido, de ver desmoronar a imagem idealizada de si mesmo, como visto em:

Outra ideia, não... um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: “Algum peralta da vizinhança”. Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu - e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível, mas certo. E a alegria de Capitu confirmava a suspeita; se ela vivia alegre é que já namorava a outro, acompanhá-lo-ia com os olhos na rua, falar-lhe-ia à janela, às ave-marias, trocariam flores e... (Assis, 2010, p. 106).

Um dos elementos psíquicos mais presentes em *Dom Casmurro* é o mecanismo de projeção, recurso em que o sujeito desloca para o outro sentimento que não reconhece em si. Embora Freud (1922) já discutisse essa dinâmica, autores contemporâneos reforçam sua importância na compreensão do ciúme e da paranoia amorosa. Santaella (2021) afirma que o ciúme frequentemente nasce da interpretação ansiosa e subjetiva da realidade, em que o indivíduo seleciona fragmentos de situações, gestos e falas e lhes atribui sentido ampliado e ameaçador. Bentinho interpreta olhares, expressões e convivência de Capitu e Escobar como provas incontestáveis, porém nunca acessadas de modo direto ou objetivo.

A partir da teoria psicanalítica moderna, o ciúme deixa de ser visto como reação ao fato e se torna criador do fato. Como discute Costa (2022), em suas análises sobre romance delirante, “o sujeito que não suporta a incerteza reorganiza lembranças e eventos passados para gerar uma narrativa coerente com sua angústia”. É exatamente o que ocorre com Bentinho ao escrever suas memórias décadas depois dos acontecimentos. A narração retrospectiva funciona como elaboração defensiva: organiza o passado sob uma ótica que legitima a acusação de traição e protege o narrador do contato com a dúvida que seria emocionalmente insuportável.

Além disso, a narrativa machadiana é unilateral, contada exclusivamente por Bentinho, sem qualquer contraponto de Capitu. Schwarz (2018) lembra que essa estratégia narrativa confere ao romance caráter ambíguo: não se sabe se Capitu traiu, mas sabe-se que Bentinho precisa acreditar que foi traído. Birman (2019) interpreta esse tipo de construção psíquica como uma “ficcionalização defensiva”, na qual o sujeito cria uma verdade emocional para evitar o

desabamento de sua organização interna. Assim, a escrita de Bentinho não é apenas relato, mas mecanismo inconsciente de defesa.

Outra dimensão fundamental do ciúme em *Dom Casmurro* refere-se à forma como Bentinho concebe o amor e o lugar da mulher na estrutura afetiva e simbólica da sociedade oitocentista. Ainda que Machado de Assis escreva no século XIX, pesquisas recentes demonstram que a forma como Bentinho se relaciona amorosamente reflete uma concepção patriarcal historicamente sustentada, na qual a mulher aparece como objeto de posse e validação masculina. Em discussão sobre ciúme e masculinidade, Prado (2020) argumenta que a cultura patriarcal reforça a ideia de que a fidelidade feminina é garantia da honra do homem, articulando o ciúme ao controle do corpo e da subjetividade da parceira.

No romance, essa lógica aparece na forma como Bentinho se sente ameaçado não apenas pelo possível desejo de Capitu, mas pela possibilidade de ela desejar outro. Kehl (2020) discute que o sujeito marcado pelo amor-fusão não aceita o outro como alteridade, mas como extensão de si, e, portanto, deseja controlar seus desejos, suas relações e até seus pensamentos. O ciúme de Bentinho, então, não é apenas medo de perder Capitu, mas medo de que ela deseje por conta própria, rompendo a ilusão de que ele controla simbolicamente sua experiência amorosa. Nisto se lê:

E... quê? Sabes o que é que trocariam mais; se o não achas por ti mesmo, escusado é ler o resto do capítulo e do livro, não acharás mais nada, ainda que eu o diga com todas as letras da etimologia. Mas se o achaste, compreenderás que eu, depois de estremecer, tivesse um ímpeto de atirar-me pelo portão fora, descer o resto da ladeira, correr, chegar à casa do Pádua, agarrar Capitu e intimar-lhe que me confessasse quantos, quantos, quantos já lhe dera o peralta da vizinhança. Não fiz nada. Os mesmos sonhos que ora conto não tiveram, naqueles três ou quatro minutos, esta lógica de movimentos e pensamentos. Eram soltos e mal emendados, com o desenho truncado e torto, uma confusão, um turbilhão que me cegava e ensurdecia. (Assis, 2010, p. 106).

Como resultado, o amor romântico, idealizado e dependente, transforma-se em paranoia e em desconfiança permanente. Escobar passa a funcionar como espelho do que Bentinho teme em si: insegurança, rivalidade masculina e o pânico de não ser o mais desejado. Freud (1922) já identificava esse mecanismo de ciúme projetado, mas a literatura psicanalítica contemporânea aprofunda sua relação com os processos de construção do masculino. Birman (2019) e Prado (2020) destacam que, na lógica patriarcal, perder a mulher para outro homem não é apenas dor afetiva, mas ameaça simbólica à identidade viril do sujeito, demonstrando como os valores sociais atravessam e alimentam a experiência psíquica individual.

A escrita memorialística de Bentinho é parte essencial do mecanismo psicológico que organiza sua angustiante experiência de suspeita. Estudos recentes apontam que a narração de si pode atuar como espaço terapêutico, no qual o sujeito busca reorganizar a dor para suportá-la. Segundo Costa (2022), quando o ciúme atinge o nível delirante, “a narrativa torna-se instrumento de autoproteção, em que o sujeito reordena os fatos para sustentar a crença que impede seu colapso emocional”. Em *Dom Casmurro*, essa elaboração aparece no esforço obsessivo do narrador em revisitar lembranças, reler eventos e argumentar para convencer o leitor – mas principalmente a si mesmo.

É significativo que Bentinho escreva após décadas solitário, privado de Capitu, do filho e de Escobar. A solidão, nesse sentido, funciona como produto final do ciúme e também como garantia da narrativa que construiu: estando só, ele não precisa confrontar a versão que edificou sobre o passado. Santaella (2021) aponta que o sujeito paranoico prefere a dor à dúvida, pois a dúvida exige sustentação emocional madura e capacidade de elaborar contradições internas. Assim, o texto de Bentinho se torna espaço de congelamento psíquico: ele mantém viva a convicção da traição porque enfrenta com dificuldade a incerteza e o vazio que o reconhecimento de sua insegurança narcísica exigiria.

Também não é irrelevante o fato de que Capitu permanece silenciada. Sua ausência de voz narrativa reflete a condição da mulher no século XIX, mas, do ponto de vista psicanalítico, também reforça que o problema não é Capitu, mas Bentinho. Schwarz (2018) afirma que “o romance fala menos sobre a possível culpa de Capitu e mais sobre a incapacidade de Bentinho de lidar consigo mesmo”. A paranoia, portanto, aparece como produção subjetiva que substitui o confronto com a angústia real: o sentimento de não ser suficiente.

Os mecanismos do ciúme, quando vistos pela psicanálise contemporânea, revelam que o drama de Bentinho não se constrói a partir da traição externa, mas da impossibilidade de olhar para dentro. Se há culpa em *Dom Casmurro*, ela é muito mais psíquica que moral. Birman (2019) argumenta que a incapacidade de reconhecer a vulnerabilidade é uma das maiores fontes de sofrimento moderno, e Bentinho encarna esse sujeito que, diante da incompletude inevitável das relações humanas, fabrica certezas para evitar a dor da dúvida. Na perspectiva de Kehl (2020), sua tragédia consiste em confundir amor com posse, identidade com confirmação externa e desejo com controle.

Dom Casmurro, nesse sentido, não é história de adultério, mas história de fracasso subjetivo. Bentinho vive prisioneiro da versão que construiu para não enfrentar a própria insegurança, transformando ciúme em destino. Sua narrativa, embora lógica para ele, é marcada

por mecanismos inconscientes que produzem uma verdade particular, mas não necessariamente factual. Para o leitor contemporâneo, a obra expõe com especial profundidade o modo como o ciúme pode se tornar força destrutiva não porque o outro falhou, mas porque o sujeito não suporta o risco inerente de amar.

4.2 O fim do casamento: o último ato de uma mente doentia

No desfecho de *Dom Casmurro*, o fim do casamento entre Bentinho e Capitu assume a forma de uma tragédia emocional fabricada não pela confirmação de uma traição concreta, mas pela deterioração psíquica do próprio protagonista. Do ponto de vista psicanalítico contemporâneo, o rompimento conjugal representa o último movimento de um sujeito consumido pelo ciúme, pela paranoia e pela impossibilidade de administrar internamente a dúvida. No capítulo 135, quando Bentinho relata a separação definitiva, ele mesmo admite a violência simbólica do gesto ao dizer: “Capitu resistiu pouco; chorava muito, e meteu-se no quarto. No dia seguinte embarcou para a Europa com o filho” (Assis, 1899, cap. 135). A cena evidencia não uma revelação moral, mas o clímax de sua convicção delirante.

Birman (2019) explica que sujeitos tomados por angústias narcísicas intensas tendem a criar “ficções psíquicas que sustentem uma verdade subjetiva capaz de protegê-los do colapso emocional”. No romance, a acusação de adultério, que nunca é de fato provada, funciona como eixo central dessa ficção, permitindo que Bentinho atribua ao outro a causa da dor que não consegue elaborar internamente. A própria narrativa do capítulo 135 expõe isso quando o narrador, reafirmando sua certeza íntima, declara: “Tudo estava acabado entre nós” (Assis, 2010, p. 187), mesmo sem apresentar um único fato novo que justificasse sua convicção.

A separação definitiva de Capitu e a consequente destruição da família ocorrem quando Bentinho já se encontra tomado por uma narrativa delirante que reorganiza lembranças, gestos e olhares como provas absolutas de uma suposta deslealdade. Costa (2022), ao discutir o ciúme delirante, afirma que “a mente adoecida prefere a certeza dolorosa à angústia da dúvida, porque a dúvida exige elaboração psíquica e maturidade emocional”. Assim, o divórcio e o afastamento de Capitu não surgem como decisão racional, mas como tentativa desesperada de Bentinho de preservar sua integridade narcísica, mesmo que isso signifique destruir tudo que possui de mais valioso. O capítulo 135 confirma esse mecanismo ao registrar o instante de ruptura como sentença unilateral: “Era preciso acabar, e acabei” (Assis, 2010, cap. 187).

A morte simbólica do casamento também revela a incapacidade do protagonista de reconhecer o outro como sujeito autônomo. Kehl (2020) observa que, em relações marcadas por dependência emocional e estrutura de amor-fusão, o parceiro é percebido como propriedade e extensão do eu, e qualquer sinal de independência é vivido como ameaça existencial.

Quando Capitu não corresponde ao papel passivo que Bentinho esperava – mulher sem olhar, sem desejo e sem história própria, ele interpreta essa diferença como traição. O rompimento conjugal, portanto, funciona como forma de punição e como mecanismo de restauração narcísica do poder masculino ferido. Bentinho ressalta no capítulo 140 que Capitu “não disse nada; chorou” (Assis, 2010, p. 193), revelando como ele reduz a esposa a objeto de sua narrativa, silenciando-a até mesmo no momento da expulsão.

Do ponto de vista literário e psicanalítico, o término não representa libertação, mas aprisionamento definitivo. Santaella (2021) afirma que sujeitos submetidos a delírios interpretativos vivem em narrativa circular, na qual o sofrimento não se dissolve, mas se perpetua, pois eles “se alimentam dos mesmos pensamentos que produzem sua dor emocional”.

Bentinho, ao expulsar Capitu e posteriormente se isolar no casarão que construiu para eternizar o amor dos dois, entrega-se ao destino trágico da própria mente adoecida. Embora no capítulo 144 ele relate a separação com aparente firmeza, sua linguagem evidencia o desamparo emocional: “Fiquei só” (Assis, 2010, p. 196). Seu refúgio torna-se um mausoléu emocional, espaço de fixação da dor e da convicção paranoica que sustenta.

O fim do casamento também expõe a solidão como destino psíquico de quem não suporta sua própria incompletude. Rojas (2017) discute que, na dependência emocional, o sujeito fragilizado convive com o medo constante de abandono, mas a tentativa de controlar o outro leva, ironicamente, ao afastamento real que mais teme.

Em *Dom Casmurro*, o ciúme de Bentinho opera como profecia autorrealizadora: ao tentar evitar a perda de Capitu, ele a produz; ao destruir a família para preservar sua sanidade, destrói a própria capacidade de conviver com o mundo. No capítulo 135, sua própria versão confirma esse paradoxo ao final: “Tudo se acabou ali” (Assis, 1899). Daí a força trágica do romance machadiano: Bentinho realiza no real a fantasia que existia apenas em sua mente.

Schwarz (2018) destaca que a narrativa final revela mais sobre a incapacidade de Bentinho de lidar consigo do que sobre qualquer possível infidelidade. O narrador envelhecido, sozinho e amargurado, não se mostra aliviado pela separação, mas condenado à repetição infinita da própria versão da história, como se o texto fosse tentativa tardia de justificar a tragédia que ele mesmo produziu. O casamento não termina pela culpa de Capitu, mas porque

Bentinho, incapaz de suportar a dúvida, precisa destruir o objeto amado para salvar-se do colapso interno. As expressões categóricas do capítulo 135 — “Tudo estava acabado”, “Fiquei só”, “Era preciso acabar” — reforçam o caráter autoinfligido da tragédia.

Assim, sob a ótica da psicanálise contemporânea, o fim do casamento em *Dom Casmurro* é o último ato da mente adoecida do protagonista: um desfecho em que o ciúme delirante triunfa sobre a realidade e transforma o amor em solidão. A tragédia de Bentinho não é ter sido traído, mas não ter suportado o risco inevitável de amar, vivendo antes sob a clausura da paranoia do que sob a fragilidade compartilhada das relações humanas.

A análise de *Dom Casmurro* permitiu identificar que o ciúme de Bentinho não aparece como uma emoção pontual, mas como elemento estruturante de sua subjetividade e da própria forma narrativa. A partir da leitura da obra e do suporte teórico da psicanálise e dos estudos literários contemporâneos, observou-se que o narrador desenvolve uma relação adoecida com o passado, reorganizando sua memória como tentativa de validar sua visão dos fatos e reafirmar sua identidade abalada.

Um primeiro resultado é a constatação de que o ciúme emerge ainda na juventude do personagem, manifestando-se desde sua convivência com Capitu e ganhando intensidade com a entrada de um terceiro elemento, Escobar. A triangulação observada na narrativa confirma os apontamentos de Lacan (1998), para quem o ciúme não se dá apenas entre sujeito e objeto amoroso, mas se estrutura na relação com o Outro. Assim, antes mesmo de existirem indícios objetivos de traição, Bentinho já percebe o amigo como rival simbólico, o que demonstra uma formação afetiva marcada pela insegurança e pela disputa imaginária. Nisto, menciona-se:

No intervalo, evocara as palavras do finado Gurgel, quando me mostrou em casa dele o retrato da mulher, parecido com Capitu. Hás de lembrar-te delas, se não, relê o capítulo, cujo número não ponho aqui, por não me lembrar já qual seja, mas não fica longe. Reduzem-se a dizer que há tais semelhanças inexplicáveis... Pelo dia adiante, e nos outros dias, Ezequiel ia ter comigo ao gabinete, e as feições do pequeno davam ideia clara das do outro, ou eu ia atentando mais nelas. De envolta, lembravam-me episódios vagos e remotos, palavras, encontros e incidentes, tudo em que a minha cegueira não pôs malícia, e a que faltou o meu velho ciúme. Uma vez em que os fui achar sozinhos e calados, um segredo que me fez rir, uma palavra dela sonhando, todas essas reminiscências vieram vindo agora, em tal atropelo que me atordoaram... E por que os não esganei um dia, quando desviei os olhos da rua onde estavam duas andorinhas trepadas no fio telegráfico? Dentro, as minhas outras andorinhas estavam trepadas no ar, os olhos enfiados nos olhos, mas tão cautelosos que se desenfiam logo, dizendo-me uma palavra amiga e alegre. Contei-lhes o namoro das andorinhas de fora, e acharam-lhe graça; Escobar declarou que, para ele, seria melhor se as andorinhas, em vez de trepadas no fio de arame, estivessem à mesa do jantar cozidas. “Nunca comi os ninhos delas”, continuou, “mas devem ser bons, se os chins os inventaram”.

E ficamos a tratar dos chins e dos clássicos que falaram deles, enquanto Capitu, confessando que a aborrecíamos, foi a outros cuidados. Agora lembrava-me tudo o que então me pareceu nada. (Assis, 2010, p. 192-193).

A leitura dos episódios centrais da obra mostrou que grande parte das suspeitas de Bentinho nasce de interpretações exageradas, seleções de memória e reconstruções subjetivas. Cena como a missa em que Capitu e Escobar trocam olhares, ou o choro de Capitu no velório do amigo, são narradas com intensidade que ultrapassa os fatos concretos. Esses momentos revelam o que Freud (2010) denomina “ciúme projetado”, quando o sujeito atribui ao outro sentimentos e intenções que pertencem às suas próprias angústias e desejos inconscientes. Nesse sentido, a narrativa confirma o argumento de Fuks (2019), ao demonstrar que o ciúme em Machado é menos percepção do real e mais exercício imaginativo.

Outro resultado marcante diz respeito ao narrador não confiável. A análise da construção narrativa evidenciou que Bentinho tenta controlar o discurso para legitimar sua versão da história, mas suas próprias contradições o denunciam. O leitor percebe o abalo psíquico do protagonista por meio das lacunas, exageros, omissões e mudanças de tom que permeiam seu relato.

A obra confirma, assim, a tese de Booth (2011), para quem narradores podem organizar o discurso de modo a manipular o leitor, mas nesse processo acabam revelando camadas ocultas de sua subjetividade. Dom Casmurro, nesse sentido, não é apenas um romance sobre ciúmes, mas uma obra em que o próprio texto encena a paranoia emocional do narrador.

Também foi possível identificar que o ciúme de Bentinho não se limita à dimensão pessoal, mas inscreve-se em um contexto social de forte moral patriarcal. A suspeita sobre Capitu revela não apenas fragilidade emocional, mas necessidade de reafirmação da autoridade masculina diante de uma mulher autônoma, inteligente e socialmente participativa. Isso confirma as proposições de Schwarz (2000) e Butler (2015), que afirmam que emoções não são apenas expressões internas, mas práticas que reproduzem sistemas culturais. Em outras palavras, Bentinho não sofre sozinho: ele encena um modelo histórico de masculinidade que se sente ameaçado pela perda de controle.

Do ponto de vista psicanalítico, o ciúme de Bentinho pode ser interpretado como manifestação que transita entre o ciúme neurótico e o ciúme delirante, já que se baseia em convicções sem prova real, assumindo força que reorganiza seu afeto, sua percepção e sua vida prática. Essa leitura se alinha ao DSM-5 (APA, 2014), que caracteriza o ciúme delirante pela crença infundada e fixa na infidelidade do parceiro, ainda que o sujeito continue funcional em

outras áreas da vida. Na obra, Bentinho mantém carreira, vida doméstica e círculo social, mas toda sua identidade interna se deforma diante da obsessão pelo possível adultério.

Por fim, a análise mostrou que a dúvida se torna o verdadeiro núcleo da obra. Como aponta Gledson (2020), Machado constrói uma narrativa que não permite ao leitor obter resposta definitiva quanto à fidelidade de Capitu. A pergunta essencial – Capitu traiu ou não? – nunca encontra conclusão, porque o foco do romance não é a verdade dos fatos, mas a impossibilidade do próprio narrador de conviver com a incerteza. Assim, o romance evidencia que, para Bentinho, não é Capitu que o destrói, mas aquilo que ele acredita sobre ela, por isso, menciona-se:

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos à *História dos subúrbios*. (Assis, 2010, p. 200).

Dessa forma, os resultados obtidos demonstram que o ciúme em *Dom Casmurro*: é fenômeno psicológico que nasce de insegurança estrutural e projeções inconscientes; é também fenômeno social, ligado à moral patriarcal do século XIX; transforma-se em elemento organizador da narrativa e da identidade do narrador; coloca o leitor diante de uma narrativa em que o conflito interno de Bentinho é mais importante do que os fatos externos. Em síntese, Machado de Assis constrói, em Bentinho, uma subjetividade marcada pelo sofrimento, pela rivalidade simbólica e pela incapacidade de lidar com o desejo do Outro. *Dom Casmurro* reafirma seu valor como obra que ultrapassa o realismo descritivo e penetra nas zonas mais profundas da constituição psíquica humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que a escolha de Dom Casmurro como objeto de investigação se justifica plenamente pela riqueza psicológica e simbólica que a obra apresenta, especialmente no que diz respeito à subjetividade de Bento Santiago. Partindo da proposta de examinar o ciúme patológico do protagonista sob o olhar da psicanálise, foi possível identificar que o romance machadiano ultrapassa a simples dúvida sobre a fidelidade de Capitu e se transforma em uma narrativa sobre os mecanismos psíquicos que influenciam a percepção da realidade e a construção da identidade do narrador.

A problemática norteadora “em que medida o ciúme de Bentinho pode ser entendido como uma manifestação patológica e como ele afeta a relação entre os personagens e a estrutura narrativa”, pôde ser respondida de maneira consistente. Os resultados revelaram que o ciúme de Bentinho não surge como um sentimento ocasional, mas se configura como uma experiência recorrente, profundamente enraizada em sua formação emocional e em seus processos inconscientes. A dúvida constante, o medo de perda e a insegurança afetiva conduzem o personagem a interpretar os acontecimentos de forma parcial, distorcida e autocentrada, o que compromete sua capacidade de convivência amorosa e sua leitura dos fatos.

Assim, os objetivos traçados foram alcançados. Foi possível identificar, ao longo da narrativa, comportamentos obsessivos e ansiosos que caracterizam o ciúme patológico de Bentinho, bem como descrever cenas representativas desse processo, nas quais o protagonista revela sua dificuldade de lidar com o desejo, com o olhar do outro e com a própria angústia. Da mesma forma, a discussão permitiu demonstrar como o ciúme interfere diretamente na relação entre Bentinho e Capitu, influenciando suas ações, emoções, decisões e, sobretudo, a forma como ele reconstrói sua história na obra que lemos.

A natureza qualitativa e bibliográfica da pesquisa mostrou-se adequada ao objetivo proposto, permitindo aprofundar a investigação em torno dos elementos subjetivos e simbólicos da narrativa, à luz da teoria psicanalítica. Por meio dessa abordagem, percebeu-se que o romance de Machado de Assis não apenas apresenta um caso literário de ciúme, mas evidencia o funcionamento de uma mente que interpreta o mundo a partir de seus conflitos internos, um deslocamento que torna Bentinho mais do que narrador: torna-o paciente de si mesmo.

Por fim, esta pesquisa abre espaço para novas investigações. Estudos futuros podem ampliar o debate comparando o ciúme patológico de Bentinho com outros personagens da literatura brasileira ou internacional, ou ainda aprofundar a análise da relação entre memória,

discurso e construção da verdade subjetiva na narrativa. Igualmente, pesquisas interdisciplinares podem aproximar Dom Casmurro dos estudos contemporâneos sobre masculinidade, adoecimento emocional e relações afetivas, o que reforça a atualidade e relevância da obra machadiana no campo literário e psicanalítico.

Conclui-se, portanto, que *Dom Casmurro* continua sendo uma obra profundamente atual, não apenas por sua construção literária e ambiguidade narrativa, mas por revelar os efeitos de um sofrimento psíquico que permanece presente na vida moderna. A obra permite compreender que, quando não elaborado, o ciúme deixa de ser expressão de cuidado ou vínculo e transforma-se em uma força destrutiva que desestabiliza o sujeito e inviabiliza o encontro com o outro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rodrigo. **Psicanálise, ciúme e subjetividade na literatura brasileira**. São Paulo: Cortez, 2017.
- ALVES, Ricardo. **O ceticismo filosófico em Machado de Assis: uma leitura existencial**. São Paulo: Edusp, 2020.
- AMARAL, Júlia Ferreira do. O narrador de si mesmo: ciúme, memória e construção identitária em *Dom Casmurro*. **Revista Brasileira de Literatura e Psicanálise**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 112-128, 2020.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARAÚJO, Felipe Santos. Da mãe à esposa: transferência afetiva e imaturidade psíquica em *Dom Casmurro*. **Cadernos de Psicanálise Literária**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 77-94, 2022.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: considerações psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BOOTH, Wayne. **A retórica da ficção**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1970.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COBB, R. J.; MARKS, J. E. **Jealousy in relationships: Clinical perspectives**. New York: Routledge, 2017.
- COSTA, Ana Carolina. O desejo triangular em *Dom Casmurro*. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 23, n. 2, p. 45-61, 2021.
- COSTA, Helena. **Humanismo irônico: as ambivalências éticas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

- COSTA, Rogério da. **Narrativas do delírio: psicanálise, verdade e memória**. São Paulo: Cortez, 2022.
- COUTINHO, Marina Pires. **O sujeito que fala: discurso, dor e elaboração simbólica em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.
- DESTENO, D.; SALOVEY, P. **Jealousy and the characteristics of the jealous individual**. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 22, n. 7, p. 749-758, 1996.
- DUARTE, Ana Cláudia. “Machado de Assis e as vozes do silêncio: raça, autor e invisibilidade”. **Revista Brasileira de Literatura e Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 55–70, 2022.
- ECHEBURÚA, Enrique. **Celos en la pareja: Un enfoque clínico**. Madrid: Pirámide, 2013.
- FERNANDES, Carolina Alves. Narcisismo e dependência afetiva: releituras psicanalíticas de *Dom Casmurro*. **Psicanálise e Humanidades**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 51-66, 2021.
- FERREIRA, Douglas Martins. **Projeção, narrativa e dor psíquica: novas leituras freudianas**. Porto Alegre: Sulina, 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. Sobre o ciúme, a paranoia e o homossexualismo. 1922. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 17.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros escritos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FUKS, Juliano. **Machado e o ciúme: leituras psicanalíticas**. *Estudos Avançados*, v. 33, n. 97, p. 101-118, 2019.
- GIRARD, René. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2009.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. São Paulo: Editora 34, 2020.
- GUERRERO, L. K.; ANDERSEN, P. A. Jealousy in close relationships: An exchange-theoretical perspective. In: CUPACH, W. R.; SPITZBERG, B. H. (Org.). **The dark side of close relationships**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2000.
- GUIMARÃES, Tereza; SANTOS, Mário. **Narrador não confiável e memória seletiva em Dom Casmurro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.
- ILLLOUZ, Eva. **O futuro do amor: romance e mercado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a depressão e a melancolia na contemporaneidade**. 7. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LIMA, Gabriel. **Machado de Assis e a descolonização do cânone literário brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MARAZZITI, Donatella. Jealousy and psychopathology: The neurobiology of a passion. **Frontiers in Human Neuroscience**, v. 4, n. 23, p. 1-4, 2010.

MARTINS, Juliana. “A psicanálise em Machado: o inconsciente antes de Freud”. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 41, n. 2, p. 85–98, 2021.

MENDONÇA, Ana Paula. O ideal feminino e o espelho masculino na ficção de Machado de Assis. **Revista Crítica Literária Contemporânea**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 89-105, 2018.

MOREIRA, Daniel S. Intersubjetividade negativa e reconhecimento do outro: reflexões a partir de Machado. **Psicologia & Discurso**, Recife, v. 6, n. 1, p. 23-39, 2021.

NASCIMENTO, Luciana M. de. A honra masculina e o ciúme como dispositivo social no século XIX. **Revista de Estudos Sociais e Cultura**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 140-158, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PARROTT, W. G. **Emotions in Social Psychology**. Philadelphia: Psychology Press, 2001.

PEREIRA, Elisa Andrade. Escrita, silêncio e recalque em *Dom Casmurro*: leitura psicanalítica contemporânea. **Cadernos Psique**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 55-70, 2023.

PEREIRA, Luísa. **Literatura, mente e moral: Machado de Assis à luz da psicologia cognitiva**. Campinas: Pontes, 2025.

PRADO, André Luiz. Masculinidade e desejo: violência simbólica e ciúme em relações amorosas. **Revista Brasileira de Psicologia e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 45-63, 2020.

RIBEIRO, Juliana; QUINTÃO, Marcela. O ciúme masculino e a pressão social da virilidade: estudo de psicologia social. **Revista Brasileira de Comportamento Social**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 101-119, 2023.

RIBEIRO, Paulo. **A ironia como ética: leitura contemporânea de Machado de Assis**. Salvador: EDUFBA, 2023.

RINALDI, Renato. **Lacan e a literatura: o sujeito fragmentado no discurso**. Brasília: UnB, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Mentes ansiosas: o medo e o imaginário na sociedade contemporânea**. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTOS, Ítalo de Almeida. Capitu e a subversão feminina no século XIX: leitura psicanalítica e cultural. **Revista Estudos Literários**, Natal, v. 8, n. 1, p. 75-93, 2022.

SANTOS, Mariana. “O riso e a moral: o problema da neutralidade em Machado de Assis”. **Estudos Literários Contemporâneos**, v. 9, n. 1, p. 60–75, 2022.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. 7. ed. São Paulo: 34, 2018.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SILVA, Camila Andrade. **Estrutura narrativa e subjetividade em Machado de Assis: um estudo psicodiscursivo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

TARIER, Nicholas. **Cognitive behavior therapy for jealousy**. Oxford: Oxford University Press, 2015.